

Obatalá



Por **HENRY BURNETT***

Comentário sobre o álbum do Grupo Ofá

Lançado em 2019, o álbum *Obatalá – uma homenagem a mãe Carmen* (Gege Produções sob licença exclusiva da Deck), do Grupo Ofá, com participações variadas, teve recentemente o documentário de sua produção exibido na GloboNews com o título *Obatalá – o pai da criação*. Ligado à família da mais famosa casa de candomblé do Brasil, o Terreiro do Gantois em Salvador, o projeto tem uma característica especial, a maioria das gravações dos cantos sagrados foi registrada na língua Yorubá original. As faixas em português somente se equilibram, apesar de belas, como “Carmen” (Beto Pellegrino & Ariston), em meio à força histórica que a língua originária impõe aos ouvintes hoje; especialmente hoje.

Num momento em que, segundo Agamben num texto de intervenção chamado “Quando a casa queima”, “Deus, encarnando-se, cessou de ser único e se tornou um homem entre tantos” e que, “por isso o cristianismo teve de se ligar à história para seguir até o fim seu destino – e quando a história, como hoje parece acontecer, se extingue e decai, também o cristianismo se aproxima do seu ocaso” (<https://www.n-1edicoes.org/textos/196>), o álbum chega como um chamado ao que sinto como uma verdadeira dimensão religiosa, ligada desde sempre ao canto, à poesia e ao espírito dos que vivem a fé como partilha e não como carnificina e intolerância. *Obatalá* é, em todos os sentidos, uma lição.

Recheado de estrelas *pop*, o disco tem a capacidade de neutralizar as vozes mais conhecidas, subsumindo-as ao rito da execução de cada canto. Então, dessa uniformização, surgem as forças que se destacam no disco justamente porque parecem mais integradas na casa de origem. Ou seria *na religião*? Pouco importa. Ao unir Jorge Benjor e Matheus Aleluia num mesmo projeto, algo realmente importante se manifesta. Todos os famosos e proscritos estão a serviço desses cantos ancestrais.

Um respeito mútuo paira na atmosfera do documentário. Sem a ingenuidade de supor que Ivete Sangalo e Daniela Mercury não cumprem suas funções integradas no projeto, é impossível ouvir Márcia Short, Luciana Baraúna, Alcione, Vó Cici, entre outras, sem ser tocado de profunda emoção; mesmo aqueles que, como eu, acham que podem se aproximar dessa religião matricial sem se deixar afetar, como um ouvinte a mais, por interesse estritamente musical; um engano.

Mesmo quando, por um acaso, como narra Flora Gil no documentário, Benjor foi parar no estúdio cantando “Odu Re Odure Ayelala – Orixá Oxalá” junto com Gil acompanhados apenas dos tambores, algo como uma confluência fica no ar, como se a realização não fosse casual, mas ditada por algo maior. Não é fácil falar em sublimações em tempos de tanta violência real e simbólica. Mas é disso que se trata, *Obatalá* é um encontro raro, mais que um registro fonográfico no estúdio do também presente Carlinhos Brown, que canta “O Fururu Loorere – Orixá Oxalá” depois da abertura obrigatória com “Oriki – Orixá Exú”, pronunciada por Felix Omidiré.

Apesar da coesão do conjunto, algumas faixas falam mais alto. Como um grito potente de liberdade e integração, escutamos “Ajaguna Gbawa O – Orixá Oxagiayan”, com o Grupo Ofá e Lazzo Matumbi. “Obatalá – homenagem a Mãe Carmen” é a faixa que une modernidade e ancestralidade com mais ênfase, embora a voz de Matheus Aleluia invoque tudo que pode haver de mais historicamente importante na herança africana deixada aos seus descendentes.

“O Yeku – Xá Omiludé – Orixá Oxum” cantada pelo Grupo Ofá é o ponto alto dessa festa que não acaba; uma Alcione quase irreconhecível explode em “Odekomorode – Orixá Oxóssi”, um dos cantos mais conhecidos e mais belos das celebrações de origem africana que aqui permaneceram apesar de tanta dor, ou por causa dela. Na faixa mais explicativa do disco, Gal e

Gil se unem em “Carmen”.

Um disco que gira ininterruptamente como um ritual há semanas, ajudando a superar a angústia e a virada de ano mais melancólica que o século XXI já enfrentou. Talvez seja esse o recado que Zeca Pagodinho e Nelson Rufino deixam na despedida do disco, uma faixa solar e esperançosa: é preciso olhar para a frente, embora não se possa ver muito sob o nevoeiro espesso.

***Henry Burnett** é professor de filosofia da Unifesp. Autor, entre outros livros, de Nietzsche, Adorno e um pouquinho de Brasil (Editora Unifesp).

Publicado originalmente na [Revista Guarú](#).

A Terra é Redonda